



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION
NOVEMBER 2015

PORTUGUESE HOME LANGUAGE: PAPER II

MARKING GUIDELINES

Time: 2½ hours

80 marks

These marking guidelines are prepared for use by examiners and sub-examiners, all of whom are required to attend a standardisation meeting to ensure that the guidelines are consistently interpreted and applied in the marking of candidates' scripts.

The IEB will not enter into any discussions or correspondence about any marking guidelines. It is acknowledged that there may be different views about some matters of emphasis or detail in the guidelines. It is also recognised that, without the benefit of attendance at a standardisation meeting, there may be different interpretations of the application of the marking guidelines.

SECÇÃO A POESIA/POETRY

Esta secção contém duas perguntas (1 e 2). Responda a duas alíneas da pergunta 1 e a toda a pergunta 2.

PERGUNTA 1

- 1.1 1.1.1 O eu-poético amaldiçoa o dia em que nasceu, deseja mesmo eliminá-lo, como se nunca tivesse existido, porque a sua existência tem sido muito infeliz. (3)

- 1.1.2 (a) O dia em que eu nasci **morra e pereça,/não o queira jamais** o mundo dar;/ não torne mais ao mundo e, se tornar,/eclipse nesse passo o Sol **padeça**.

A **luz lhe falte**, o Sol se lhe **escureça**,/mostre o mundo sinais de se acabar:/**nasçam-lhe monstros**, sangue **chova** o ar, as pessoas pasmadas, de ignorantes,/as lágrimas no rosto, a cor perdida,/cuidem que o mundo já se **destruiu**.

As formas verbais subinham hiperbolicamente a gradação do aumento da dor e desespero do eu poético, até que se chega ao clímax, no qual aquele quase deseja a destruição do mundo. (4)

- (b) Neste caso pode dizer-se que Luís de Camões é o eu poético, o poeta não foi 'um fingidor', na medida em que exterioriza a grande dor e pouca sorte da sua vida. (3)

[10]

- 1.2 O poema decorre em 3 partes, ou momentos. **A primeira parte é constituída apenas pelo primeiro verso**, que contém uma afirmação tripartida: "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce". Os três termos desta afirmação seguem-se segundo a ordem lógica causa-efeito: o agente ou causa próxima da obra (efeito) é o homem, mas a causa remota, o primeiro determinante, é Deus. Se Deus não quisesse, o homem não sonharia e a obra não nasceria. O substantivo Homem refere-se ao ser humano em geral e Obra designa qualquer acção humana. O poema parte, pois, de uma concepção providencialista da vida humana.

A segunda parte do texto (do segundo verso da 1ª estrofe até ao fim da 2ª) apresenta-nos a vontade de Deus que quer toda a terra unida pelo mar, confiando essa missão ao Infante, que levou essa «orla branca» até ao fim do mundo, surgindo «a terra... redonda, do azul profundo». Esta segunda parte do texto subdivide-se em três momentos: a acção de Deus, a acção do Infante e a realização da obra.

A terceira parte é constituída pela última estrofe, em que se transpõe para o povo português a glória do Infante («Quem te sagrou criou-te português»). O povo português foi, pois, o eleito por Deus para os descobrimentos. Mas o poeta assinala também o desmoronar do império dos mares («o Império se desfez»), prevendo, no entanto, uma nova acção [futura] para renovação e engrandecimento de Portugal («falta cumprir-se Portugal»)

O assunto evoluciona primeiro do geral (universal) para o particular: o «homem» e a «obra» do primeiro verso têm aplicação universal, ao passo que, na segunda parte, o «homem» se particulariza no Infante e a «obra» na epopeia marítima. Dá-se, depois, na passagem da segunda para a última parte do poema, uma mudança de sentido oposto: transição de um plano particular (Infante) para um plano geral (Portugueses).

Já no primeiro verso aparece a sucessão tripartida: Deus → o homem → a obra. Mas onde se verifica mais claramente a dinâmica da tese, antítese e síntese é na última estrofe. → Pela vontade de Deus e pelo querer e ação do homem português, realizou-se a epopeia marítima, «Cumpriu-se o mar» (tese), mas, logo a seguir, «o Império se desfez» (antítese). → Dá-se o desânimo nacional, uma pausa no caminho glorioso do nosso povo. Daí a súplica do poeta ao Ser que dá origem a tudo: «Senhor, falta cumprir-se Portugal!». Sugere-se, pois, uma nova ação de Deus e do homem português, de forma a repor, ou a acrescentar ainda mais, a glória do povo luso (síntese que é uma nova tese). O poeta teve em vista realçar a função iniciática do Infante na obra dos Descobrimentos, ação essa que lhe foi confiada pela própria divindade. Daí o emprego de palavras carregadas de conotações simbólicas.

«Sagrou-te» → sugere a escolha do Infante para uma missão divina («Deus quer»).

«Mar» → símbolo do desconhecido, do mistério. Daí as expressões «desvendando a espuma», desfazendo o mistério; «nos deu sinal», dar a chave para desvendar o mistério, que denuncia já o levantar do véu, o caminhar para a plena luz.

As palavras ou expressões «espuma» (branca), «orla branca», «clareou», «surgir» (sair das sombras, revelar-se), «do azul profundo» (do mar imenso, do fundo do mistério) são de conteúdo simbólico → exprimem a passagem do mistério para a plena luz. Esta passagem apresenta-se como repentina, miraculosa. É o que sugere a expressão: «E viu-se a terra inteira, de repente, /Surgir redonda...». Esta visão da «terra redonda», surgida de súbito, sugere a ideia de que a obra dos portugueses é o realizar de um plano divino. Redondo, esfera → símbolo da perfeição cósmica, da unidade, da obra completa e perfeita que Deus quis: «Deus quer .../ Deus quis que a terra fosse toda uma ...»

Infante → símbolo do herói português escolhido por Deus para ser agente da sua vontade.

1º verso → verbos no tempo presente (quer, sonha, nasce). Tempo passado (quis, sagrou-te, foi, clareou, viu-se). Tempo presente («Falta cumprir-se Portugal»).

A sucessão presente, passado, presente, sugere a antítese e síntese e seu retorno. Após a primeira aventura vitoriosa dos portugueses, veio o desânimo. Por isso, o poeta exclama, voltando-se para Deus: «Senhor, falta cumprir-se Portugal». Este presente «falta» confere à frase uma sugestão de urgência, de necessidade. A última frase do texto, com toda a sua indeterminação e ambiguidade, juntamente com todas as palavras e expressões carregadas de conotações simbólicas dá ao poema características simbolistas. A rima, sempre cruzada, segundo o esquema rimático ABAB, CDCD, EFEF, permite que certas palavras chaves do poema se encontrem em posições de destaque, no fim dos versos, como «nasce», «uma», «mundo», «português», «sinal», «Portugal».

[<<http://novosnavegantes.blogs.sapo>> (adaptado e com supressões)]

- 1.3 1.3.1 (a) 1º momento – vv 1 – 5
 2º momento – vv 6 – 8
 3º momento – os dois tercetos (1,5)
- (b) 1º momento – Recordação da despedida.
 2º momento – Justificação da partida.
 3º momento – Desejo de que a amada não sofra e o não esqueça. (1,5)
- 1.3.2 1º momento – O eu poético parte e relembra a grande dor da despedida da sua amada. A dor do eu poético é intensificada por constatar a dor da amada. Ele, portanto, sofre duas dores, a dor dele e a dor dela.
 2º momento – O eu poético declara que o amor da sua amada não o contenta. Ele tem um amor maior, um amor que abrange a humanidade, por isso parte para a guerra, para lutar, pode-se dizer, pelos direitos humanos do povo guineense, como implicitamente sugere a palavra 'humanidade'.
 3º momento – Sugestão à sua amada para ela imaginar que ele não partiu e que ela se lhe entregou, aludindo assim a um amor não de namorada, mas de mulher, de mulher companheira, criando um comprometimento entre ambos; deste modo o eu assegura que ela o espera. Se ela pensar sempre nele como um ente presente, conseguirá minimizar a dor. Declara o seu amor pela amada e exprime o desejo de que ela o não esqueça e que não perca a esperança no seu regresso. (4)
- 1.3.3 "Por ver-te as lágrimas sangrarem de verdade"
- O uso do termo sangrar é um exagero, pois as lágrimas não deitaram sangue. É uma metáfora para conotar a enorme dor da despedida. (3)
- [10]**

- 1.4 As condições socio-económicas dos cabo-verdianos foram sempre precárias e a emigração apresenta-se como uma solução a todos os problemas. No caso da composição poética, porém, não se trata de uma emigração por razões sócio-económicas, mas de um exílio real por razões políticas. Mas o cabo-verdiano nunca se afasta emocionalmente da sua terra, permanecendo em contacto com ela nem que seja apenas espiritualmente, como é o caso do poema.

O poema consiste de quatro estrofes e, nas primeiras três, o sujeito poético fala das lembranças que lhe vêm à mente ao olhar para a chama de uma vela que acendeu. Repare-se que a analogia deriva do formato da chama. Na última estrofe, sabe-se que o país para onde foi exilado é Moçambique. A "fina/mesinha" (vv 2 e 3) sugere as condições modestas em que vive. "Enquanto ela me ardia/ [...] velhas lembranças seguiam" (vv 4 e 6): o verbo "seguiram" está no pretérito imperfeito, o que indica a continuidade do pensamento, das lembranças. "E súbito sobre a parede/ [...] o mapa árido e breve/das ilhas de Cabo Verde" (vv 7, 9 e 10): há aqui uma alteração da atmosfera, causada principalmente pelo advérbio "súbito", que marca uma mudança de tom brusca e imprevista. O v. 7 começa com "E", uma conjunção copulativa, que aqui não indica adição porque constitui um elemento enfático. "o mapa [...]/das ilhas de Cabo Verde [apareceu]": o verbo "apareceu" é omitido, e esta elipse produz um efeito de proximidade. "o mapa [...] das ilhas" significa todas as ilhas, numa visão geral. "Que vento não vem ou se agita/no barco em forma de vela" (vv 11 e 12): este verso poderá ser interpretado de duas maneiras – o eu pode querer "que o vento não venha a agitar o barco em forma de vela", para não afastar a visão, a recordação, ou pode representar o vento que nas ilhas de Cabo Verde agita as velas e impele as embarcações. Preso a esta visão que parece ser tão real, não quer que ela seja interrompida. A "vela" é um "barco", aludindo à sua existência no modo de vida dos cabo verdianos, e é a vela que lhe traz a imagem. "barco em forma de vela" é uma metáfora, mostrando a exclamação a força do desejo do eu. Os versos "que vento não vem ou se agita/no barco em forma de vela/por dentro da casa fechada!" apresentam um ritmo forte que intensifica a força e a urgência do pedido. "Que voz materna no écran/da ilha difusa difunde/meu nome em projecto/" (vv 14 – 16): estes versos podem indicar uma visão imprecisa, ou talvez o eu não recorde com precisão. A "ilha difusa" é uma sinédoque de todo o arquipélago, isto é, de todas as ilhas que, para ele, assim como para todos os cabo verdianos, são uma unidade. "difunde/meu nome em projecto?" significa "difunde o meu nome projectando-o (i.e. atirando-o) de uma longa distância". A "voz" que chama é "materna", personificando as ilhas de Cabo Verde, a mãe espiritual do eu. "Vela do exílio acendida/na noite de Moçambique:/pesado, inútil veleiro" (vv 21 – 22): pela primeira vez encontramos a palavra "exílio", que se refere a um exílio de facto visto o poeta ter sido exilado na Ilha de Moçambique devido às suas ideias políticas. "pesado, inútil veleiro" poderá referir-se à própria ilha de Moçambique considerada ela própria como um barco, indicando a palavra 'pesado' a dor do exílio. Reparar que veleiro é uma designação geralmente utilizada para uma embarcação de viagens de longo curso, neste caso dirigindo-se à duração do seu exílio que constitui, para o sujeito poético, uma viagem de aprendizado. O veleiro é "inútil" porque não havia razão para o exilar. "com apenas um sopro apagas/a vela, o exílio não": o eu poético afirma, com tristeza, que não é fácil terminar o "exílio". O enjambement "apagas/a vela" realça a palavra "apagas" e, consequentemente, o acto de extinguir o seu exílio.

[10]

PERGUNTA 2

No poema há a repetição de 'pedra', intensificando o significado desta palavra. A 'pedra' é elevada ao nível de obstáculo, uma grande dificuldade que impede que o eu poético prossiga o caminho. É algo que lhe atrapalha a vida, que não deixa ou adia algo que tem de fazer. E sendo assim, ele não esquece.

Notar o cansaço espiritual do sujeito poético em "na vida de minhas retinas tão fatigadas" – Retina: visão; Fatigadas: Cansaço.

Há uma inversão no verso "No meio do caminho tinha uma pedra", que coloca 'pedra' no fim do verso, tornando simbólico o seu significado. No verso logo a seguir, "Tinha uma pedra no meio do caminho", a palavra 'pedra' é colocada no meio do verso, desta forma criando rima encadeada entre este verso e o anterior, reforçando assim o simbolismo de 'pedra'.

Constata-se também a anáfora em "tinha uma pedra/tinha uma pedra no meio do caminho", intensificando a grande dificuldade que o eu poético encontra na sua vida.

O poema caracteriza-se pela redundância. O primeiro verso é repetido duas vezes (no quarto e no último versos), o segundo verso é idêntico ao penúltimo, e o terceiro, ao antepenúltimo. Além disso, o segundo e o penúltimo versos são uma simples inversão dos termos do primeiro, quarto e último versos. Mais, o terceiro verso, idêntico ao antepenúltimo, é repetido como um dos termos constituintes dos versos 1, 2, 4, 9 e 10, ou seja, a expressão "tinha uma pedra" aparece em 7 dos 10 versos da composição. Ainda outra redundância ocorre com o sintagma "Nunca me esquecerei", que inicia os versos 5 e 7. Se eliminássemos todas as repetições, o texto reduzir-se-ia a dois períodos simples: "No meio do caminho tinha uma pedra. Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas". A primeira oração evoca de modo neutro, impessoal, uma ocorrência passada; a segunda regista o acontecimento como digno de eterna memória. O que era ocorrência exterior, indiferente a qualquer subjetividade, passa a ser de enorme interesse para o eu, pois influencia a sua vida, fundindo-se a ela de modo a converter-se em experiência pessoal. Essa penetração do mundo exterior na interioridade do eu assume um significado de máxima importância, pois constituiu uma lição para a vida.

[10]

30 marks

SECÇÃO B ROMANCE/NOVEL

Deve responder a uma pergunta de ensaio e a uma pergunta direcionada. Se responder ao ensaio na Secção A, deve responder à pergunta direcionada na Secção C.

PERGUNTA 1

- 1.1 Quase no fim da narrativa da viagem, na Ilha de Moçambique, regressando os viajantes a Luanda pouco depois. (3)
- 1.2 O narrador do excerto é Laurentina, a suposta filha de Faustino Manso. (2)
- 1.3 À hora da morte, a mãe revela-lhe que o seu pai não é o homem que a criou, mas sim Faustino Manso, músico angolano e conhecido como mulherengo. Laurentina vai à África à procura do pai e das suas raízes. (4)
- 1.4 Como músico, Faustino Manso percorrerá grande parte de África, ficando mais nuns lugares do que noutros. Em todos, porém, deixa uma recordação agradável e amizades, e supostos filhos em todas as mulheres que teve ao longo da vida. (5)
- 1.5 Faustino Manso tinha ficado conhecido pelas muitas mulheres que tivera nas suas viagens pela África. Todos pensavam que ele tinha 18 filhos e ele próprio, até uma certa altura. Por um lado, a sua fama de ser um indivíduo com o dom de apaixonar todas as mulheres cairia por terra e, por outro, saber-se-ia que as mulheres não lhe tinham sido fiéis. Era o arruinar de uma vida e fama, acrescido do choque do conhecimento de que todas as mulheres lhe tinham sido infiéis. (4)
- 1.6 A infidelidade das mulheres pressupõe a fertilidade, a fertilidade de África, a Mãe-África fértil que dá a vida e a continuidade. África é um continente cheio de vida e de transformação a todos os níveis. A resposta deve ser mais desenvolvida. (7)

[25]**OU****PERGUNTA 2**

Espera-se que os candidatos aludam ao desvendar de toda a cultura africana, da sua imensa fertilidade a todos os níveis, da vida que pulsa em cada canto.

[25]**25 marks**

SECÇÃO C TEATRO/DRAMA

Se, na Secção B, tiver respondido apenas às perguntas direccionadas, deve, nesta Secção, responder ao ensaio (Pergunta 1, que é uma pergunta de desenvolvimento). Se, pelo contrário, na Secção acima tiver respondido apenas às perguntas de desenvolvimento, deve agora responder à Pergunta 2.

PERGUNTA 1

- 1.1 1.1.1 **Vicente** – o denunciante da Pide que vivia entre o povo, sempre pronto a denunciar o que ouvira. Homem sem escrúpulos. (1)
- 1.1.2 **A sabedoria é tão perigosa como a ignorância.** – mentalidade e política do salazarismo que mantinha o povo na ignorância, sem estudos, para evitar as greves e manifestações contra o governo. (2)
- 1.1.3 **Principal Sousa** – A igreja, sustentáculo importante do salazarismo. Aceitar-se-á se alguém o relacionar com Salazar, visto na época correr que ele era padre. (2)
- 1.1.4 **O povo fala abertamente em revolução ...** – Insatisfação do povo. A revolução que se esperava ser protagonizada por Humberto Delgado. HD tentou derrubar pela força o regime de Salazar. (2)
- 1.1.5 **Gomes Freire** – Humberto Delgado, candidato à Presidência da República nas eleições de 1958. Diz-se que foi derrotado injustamente. Foi morto quando tentava atravessar a fronteira portuguesa para a Espanha. (2)
- 1.1.6 **Há que apagar o fogo perseguindo os insensatos.** – perseguições da Pide. Prisão de todos os que manifestassem ideias contrárias às do regime e que por isso fossem um perigo para ele. (2)
- 1.1.7 **... e que veja quem entra em casa de meu primo.** – maneira de trabalhar da Pide, que vigiava todos os passos daqueles que considerava suspeitos e que pudessem opor-se ao sistema político vigente na altura, e todas as pessoas com quem eles contactassem. (2)
- 1.1.8 **Quero que me venha aqui trazer, todas as manhãs, uma lista de pessoas com quem o general se dá.** – sistema político e maneira de trabalhar da Pide, que depois vigiava e perseguia os suspeitos e todos aqueles que tivessem entrado nas casas dos suspeitos, mesmo que fossem inocentes e não tivessem qualquer atividade política clandestina. (2)
- 1.2 A ambiguidade de algumas falas de Vicente revelam que é um indivíduo que se acomodou ao regime. O seu desejo de fugir da miséria em que nascera, o seu desejo de subir na vida de qualquer forma, mesmo à custa daqueles que pertencem ao povo, como ele, tornam-no um denunciante. Porém, no fundo, sabe que o povo tem razão em falar de revolta. A sua fala, pois, é uma crítica subtil ao sistema 'quanto menos instruído o povo for, melhor'. (5)

- 1.3 A adicionar ao que se disse na pergunta anterior, resta notar o analfabetismo que grassava em Portugal. A referência ao *Eclesiastes* é uma ironia. O *Eclesiastes* é um dos livros do Antigo Testamento. Alude à condição do povo cerca do século III a.C., na Palestina, a sua situação de pobreza e injustiça. Esta situação aplica-se igualmente aos séculos XIX e XX em Portugal. Considera-se ainda que o seu tema principal é a vaidade humana, a negação da felicidade dos ricos e o desinteresse pelos bens terrestres. No século III a.C., o povo na Palestina pagava imposto pesados que iam encher os bolsos dos ricos, tal como acontecia em Portugal. O *Eclesiastes* critica um sistema político que privilegia as coisas materiais. A alusão a este livro por Vicente mostra que ele o leu e, como as reticências indicam, talvez o Principal Sousa, o eclesiástico, o não tivesse lido visto ser cúmplice de uma situação política ditatorial na qual o único sofredor era o povo. Se o povo soubesse ler, seria muito mais consciente dos seus direitos e dos responsáveis pela sua situação.

(5)
[25]

OU

PERGUNTA 2

A orientação para as perguntas diretas responde a esta questão.

[25]

25 marks

Total: 80 marks